

*Por uma menina morta*

Com o desespero na face, a senhora puxou a cadeira e sentou-se ao lado de minha mesa, esperando que acabasse o telefonema. Enquanto mantinha a conversação pelo fio — um assunto qualquer, sem importância, coisa de música — examinava-lhe a fisionomia. “— Não há dúvida de que se trata de uma mulher profundamente infeliz” — concluí. De fato, as suas primeiras palavras revelaram uma voz amargurada, e havia um tom que a vocês que agora nos lêem — a sua desgraça no relato que me fez — pode parecer melodramático. Não faz mal. Prometi à senhora que contaria tudo o que me revelou, sem interferir, e aqui o faço.

A gente feliz há de censurar que essas histórias tomem, nestas páginas, feitiço de novela, e há de repetir que mais uma vez se prova que, para um repórter, a boa notícia é sempre a má notícia. Dirá que o repórter é um leprólogo da sociedade, ou uma espécie de exumador de histórias

fúnebres, amargas como a própria vida ou como o seu amargo fígado. Ou o seu amargo coração. Há de dizer, êsse povo alegre que passa de passagem pelas coisas tristes da vida e não compreende, de jeito algum, que possa ser verdadeira a desgraça alheia, como o relato que vão ler, que tudo não passa de fruto de imaginação vadia. “— A nossa mercadoria” — disse-me Chateaubriand, certa vez, na “Toca do Leão”, quando tínhamos em volta nada menos nada mais que um conde e um visconde franceses e um príncipe lituano — três histórias ao redor de uma mesa — “a mercadoria de um repórter é o segrêdo dos outros”.

Palavra de honra — se é que a palavra e a honra de um repórter valem alguma coisa desde o Estado Nôvo ou depois dêsse novíssimo Estado de Juscelino — que o relato desta mulher é, ponto por ponto, exato e cru em tôda a sua amargura. E o que ela, a senhora, visava com a sua presença, frente a esta mesa de repórter, o que ela queria com as suas lágrimas, que quase molham o papel sôbre esta minha máquina de escrever e remoer misérias, triunfos, alegrias, bobagens, letras de canções e tudo o mais que possa acontecer lá fora ou dentro de mim, o que queria a mulher, o que quer ela agora, sentadinha aí atrás do telefone, com a bôlsa na mão, a dor na face, a vergonha nas palavras que escorrem como se tivesse espremido o seu coração e viesse, como um conta-gôtas, fazê-lo pingar em cima da minha falta de tempo, estragando-me o resto do dia, o que deseja essa desventurada senhora é que a sua história sirva de lição.

Nestes escritos, apenas as batidas da máquina são minhas. Tôda a verdade lhe pertence.

— Encontrei-a, ontem ainda, à porta de um hotel. Estava no meio de um grupo de estrangeiros, todos etilicamente alegres e ela também, dando risadas. Viu-me e ficou séria. Passei, como se não estivesse olhando, e senti que ela me acompanhava com o olhar. Ah, mas estou lhe contando, seu môço, pelo fim, quando devia começar pelo comêço. Depois o senhor saberá que a minha filha, aos 15

anos, era linda, um tipo de beleza, e vinha tôdas as noites, antes de dormir, como um anjo, arrumando as tranças (éramos uma família fora de moda), fazer as suas orações junto de minha cama, assim desde menininha. Hoje, aos vinte, é mundana e ladra. Como tanta coisa pôde acontecer em tão pouco tempo, ninguém sabe, nem eu. Os vizinhos, principalmente uma viúva que se dá muito comigo, dizem que Deus está me experimentando. É uma experiência que quase me revolta, que quase me desespera, porque, o senhor ainda não sabe, ela é a minha filha única.

— Quando ela nasceu, morávamos no interior. Era uma cidade calma do Estado de S. Paulo e o meu marido servia nos Correios e Telégrafos. Os irmãos moravam no Rio e êle resolveu, quando houve oportunidade, aceitar a transferência para um dos bairros da Capital. A menina ainda estava na idade de escola primária e os cursos cariocas são realmente bons. Havia uma escola perto de casa, no primeiro bairro onde moramos, e a garôta não revelava, de maneira alguma, outra coisa senão bons sentimentos, excelentes qualidades morais, apêgo à família. Tudo fazia crer que ela, quando crescesse, encontraria o seu destino na figura de um rapaz de boa formação, casasse, tivesse filhos, me desse netos. Puro engano.

O pecado não é privilégio de Copacabana. Outros bairros do Rio, até mesmo a sossegada Tijuca doutras épocas, a Urca, o Leblon, Botafogo, o Flamengo, transformaram-se em centros de uma rapaziada maluca e amoral — um bando de irresponsáveis que, na sua profunda ignorância, pairam acima do bem e do mal, não têm consciência do que fazem ou dos danos irremediáveis que causam. Quase todos pertencem a boas famílias, filhos de homens tão atarefados com os seus negócios, com a sua política ou com os seus romances clandestinos, que não têm tempo de cuidar dos filhos. “Justamente, cáimos perto de um dêsses focos de perdição”, conta a senhora.

— Minha filha era uma menina de 15 anos, repito. Muito bonita, chamava a atenção. O grupo de rapazes

fazia ponto na praça, à porta de um bar, e êste era o itinerário da menina para ir ao colégio. Eu, de minha parte, estava tão certa da educação cristã que lhe dera, o meu marido também confiava tanto na dignidade da garôta, que não nos perturbávamos com os riscos que poderia correr na rua.

Que fazem êsses rapazes durante o dia, da manhã à noite? Matam aulas, não trabalham, vivem na praia — e a preocupação constante é caçar garôtas. Usam a tática do martelamento, quando percebem que a menina é direita, é dura, é “aleijada”, na sua gíria boçal. Ser aleijada é ser virgem. Tôdas as manhãs, quando ela passa, um dêles se destaca do grupo e começa a ladainha. Os métodos não são novos nem inteligentes, pois os rapazes são apenas novos, não são inteligentes, na maior parte das vêzes. Mas, fortes, de boa aparência, queimados de sol, os galinhos impressionam as pobres franguinhas ingênuas, com o seu cacarejar. Vale a pena dizer que a perversão dêsses moços não se limita às próprias conquistas do sexo oposto. O cupim moral atinge-lhes o cerne, traz-lhes a degenerescência, a falta de qualquer limite, e êles se fecham em grupos, onde o princípio é o fim. Nessa escola de depravação, a juventude se decompõe. Forma-se a universidade do cinismo onde jovens alunos estão sempre ingressando. Os pais querem saber, depois, como o seu filho principiou — e não sabem, não vêem o exemplo que está quase à porta de sua casa, na calçada ou na garagem de seu edifício. Para os machinhos, a masculinidade é apenas uma transição — e a profundidade do lamaçal em que se afundam é infinita, conduz à ruína moral e ao crime. Os pais não sabem, não vêem, não compreendem, sem saber, sem ver que um dia, fatalmente, o seu Oscar Wildezinho particular e querido acabará compreendendo e lhe perdoando os erros paternos. E o chefe da casa, que via nas façanhas do filho apenas grandes proezas, quando o potrinho da família dava mais um nó em sua gravata de escoteiro do amor, uma conquista, a mais, o pai via nisso apenas uma deliciosa manifestação

de virilidade. E sorria orgulhoso do grande filho. De sua obra-prima.

— Minha filha — revela a senhora que aí está — tinha defesa frágil. Era môça e tudo que é môço se atrai. As palavras rudes, os têrmos banais, a gíria chula, na bôca dos rapazes, lhe pareciam coisa nova, diferente. E as maneiras ríspidas, a indiferença com que êles a tratavam, no princípio, quando os primeiros contatos se fizeram, quando travaram os primeiros diálogos, tudo era estranho para ela e tinha um certo sabor. Já disse: minha filha era môça e sem defesa. Êles eram vivos e práticos.

— Depois, tudo aconteceu de roldão. Mal posso precisar o momento, a época certa em que passou a pertencer àquele grupo degenerado. Não era uma nem duas. Eram várias mocinhas dos 15 aos 17 anos. De 18 para cima, eram consideradas velhas. Certa vez — e foi o primeiro choque — vi a minha filha no “Snark”, bar onde se reúnem êsses bandos, sentada sôbre as pernas de um rapazola de topête, com um cuba-libre na frente. Trouxe-a para casa e ela veio protestando, me xingando. Dizia que eu era atrasada, superada. À noite, procurei-a no quarto. Não estava. Nunca mais voltou.

— O pai, que assistia a tudo como testemunha inerte, teve a sua vida arrasada. Em cinco anos, ela desceu todos os degraus que uma mulher pode descer, conhece quase todos os xadrezes da cidade, e até como gatuna foi processada. Às vêzes, passa por mim, como ontem. Ora em companhia de marinheiros americanos, ora de braço com um mulato alto, que, segundo nos disseram, é o seu “jockey” (na corrida que êle bota para arranjar “poules” de amor), outras vêzes, sòzinha, andando pela calçada da Avenida Atlântica e espichando olhares longos para os carros que passam, num convite barato. Sim, dizem, porque me dizem tudo. Não mora em lugar nenhum. Não tem cama certa. E isto tudo, môço, aos 20 anos apenas.

Um dia, soubemos — eu e o meu pobre velho, que se arruinou de desespêro — que ela tivera um filho na

Santa Casa. Procuramo-la e tentamos convencê-la que bastava, que a perdoaríamos, que ela voltasse para casa com a criança: riu na nossa cara. “— Vocês são uns velhos gozados. Vivem como se ouvissem novelas de rádio tôda a vida. Levem o contrapêso e não me amolem.”

Virou o rosto para o lado. Nós levamos o contrapêso para casa. A criança. Era uma menina.

Disfarçou um pouco, a senhora, e, se levantando, fêz o seu pedido:

— Se estou lhe contando minha história, seu jornalista, não é por causa da minha filha, que, essa, eu a perdi de vez, não tem mais jeito, e eu procuro me acostumar com a situação, embora, às vêzes, escute cochichos que traduzo, quando passo. Já sei que não tem remédio e me conformo. Se estou aqui é para que o exemplo ajude em alguma coisa para que não aconteçam tantos casos assim. Não faço isso por minha filha, que só a velhice poderá curar. Faço-o pela menina, dela, filha da Santa Casa de Misericórdia. Minha filha está tão morta quanto Aída ou mais ainda. Porém, a minha neta é uma menina viva e gostaria que ela vivesse num mundo limpo.

— Por que a senhora não vai embora do Rio?

Fitou-me bem e depois, de cabeça baixa, fêz esta humilde e nobre confissão:

— Não quero afastar-me da minha filha. Da morta. Prefiro viver no mesmo bairro onde ela está e vê-la, de vez em quando, mesmo que seja em qualquer companhia. Um pouquinho só, que a vejo, me ajuda a viver.

Não gosto, também, dessas histórias, que podem ser reais, porém são de mau gôsto. Um repórter, entretanto, não pode contar, apenas, as histórias bonitas de que gosta. Preferiria, numa hora dessas, estar longe daqui, vendo focas na Antártida, pingüins desfilarem pelo gêlo, enquanto os homens de grossos capotes os abatem, sem que êles, que não têm inimigos naturais, saibam fugir; gostaria de estar lá naquela outra terra também fria, mas povoada, onde não existe o complexo da castidade que faz de nossa gente,

para os cronistas modernos, gente atrasada e fora de época. Mas, gostaria, acima de tudo, de estar outra vez na minha pequenina cidade, tão atrasada e tão fora de época nesses assuntos de amor, que o vigário tinha orgulho em dizer no sermão dominical: "Aqui não nasce filho sem o meu consentimento prévio. Afinal, para alguma coisa sou o ministro de Deus".

Era atrasado, mas era bom. Vocês hão de dizer que eu também sou atrasado, estou ficando velho e sentimental. Que já estou entrando para o côro do "no meu tempo não havia disso". É bem verdade. Quando um jornalista vai ficando velho, já não se alegra tanto com as desgraças alheias e nem sempre, para êle, a boa notícia é a notícia ruim. Por isso, eu, que devia escrever sôbre o Foster Dulles ou Oriente Médio, acabei ouvindo pacientemente êste apêlo de uma velhinha por uma menina viva. Para que ela, sua neta, possa, depois dos 15 anos, sair à rua, que é o menos que se deseja nesta cidade que está ficando, realmente, uma cidade infame.

P. S. — Aqui termino esta pequena trilogia sôbre o problema da juventude, sem esperar que dê algum resultado, apesar dos esforços realmente sérios do Juizado de Menores e da Chefatura de Polícia. O mais importante, o fator decisivo, seria a vigilância paterna, a educação de base, mas quase não se tem tempo para isso, na vida moderna. E me lembro, triste, do chamado telefônico que recebi, há momentos. Era um pai que me convidava para assistir ao desfile de sua filhinha como o "mais belo busto de 1958".